



Especial Curso de Gestão de Projetos Solidários

O Êêetcha preparou uma edição especial sobre o curso de GPS realizado durante o mês de janeiro e que reuniu pessoas de várias áreas de formação. Nas entrevistas você pode conferir tudo o que aconteceu na décima terceira edição do curso.

Páginas 3 e 4



EDITORIAL

Por Sidney Lianza

Gestão de Projetos Solidários: Uma praxis pedagógica

Em 2003, a Congregação da Escola Politécnica da UFRJ aprovou a criação da disciplina Gestão de Projetos Solidários (GPS), oferecida desde então pelo Departamento de Engenharia Industrial. Essa proposta surgiu em meio ao projeto de criação do Núcleo de Solidariedade Técnica. Foi considerado o coração do projeto. Até agora, totaliza-se treze edições, sendo três delas como cursos de verão.

Os objetivos da disciplina coincidem com um dos principais desafios que o SOLTEC coloca para si próprio: pesquisar, no âmbito teórico e empírico, limites e possibilidades em gestão de projetos no campo da economia social e solidária.

O projeto pedagógico foi erigido por uma metodologia que é – ou deveria ser – imanente a qualquer projeto da economia solidária. Uma praxis apoiada no diálogo, no intercâmbio, na troca de saberes técnicos e acadêmicos com aqueles consuetudinários. Um espaço de vivência de um processo dialógico em sala de aula e no campo. Ler, resumir, debater conceitos e metodologias. Ir ao campo, estudar de maneira negociada com os atores aquilo que é de interesse mútuo. Sistematizar o estudado e validar com os atores sociais, seja no campo, seja no ritual da apresentação final dos trabalhos.

Solidariedade técnica, responsabilidade recíproca por aquilo que foi estudado e concluído, mesmo que com posições díspares, visando ao processo transformador. Essa é a essência da GPS.

A metodologia exige o respeito de que o eu dialogue com o outro ser como “tu” e não como “isso”. Os seres não são “objeto” de pesquisa, muito menos “público alvo”. Parceiros tentando descrever, explicar problemas de maneira negociada. Construção de saberes coletivos visando descortinar caminhos.

GPS percorreu até agora uma trajetória que mostra de forma consistente que a implantação da economia solidária vai para muito além de incubar empreendimentos associativos ou autogestionários. Se o que se pretende é ir além de um simples projeto de geração de trabalho e renda, há de se construir um projeto pedagógico calcado na implantação de uma ambiência de políticas sociais, econômicas, educacionais e culturais que permitam que o território possa ser propício para a implantação de cadeias produtivas e redes solidárias.

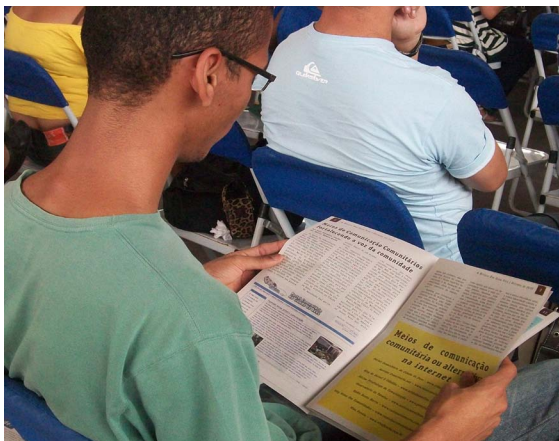
O que é o SOLTEC?

O SOLTEC (Núcleo de Solidariedade Técnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro) é um programa interdisciplinas de extensão, pesquisa e ensino, que desenvolve projetos em rede com abordagem territorial e participativa, nos campos da Tecnologia Social e da Economia Solidária, visando à construção de políticas públicas para a equidade social e o equilíbrio ambiental.

Cidade de Deus ganha jornal comunitário

Como resultado de um curso de Comunicação Comunitária promovido pelo SOLTEC, moradores da Cidade de Deus produzem um jornal e já pensam na segunda edição do periódico.

Página 6



UFRJ inicia aulas após aprovação das cotas sociais

A medida pode ser considerada como um avanço na popularização da Universidade e uma oportunidade ao debate, para discutir também as cotas raciais.

Página 5



E MAIS...

UFF aprova fim dos cursos pagos

Página 2

Aluna de GPS conta sua experiência após o curso

Página 4

Entrevista sobre jornal comunitário do Alemão

Página 5

SOLTEC Indica filmes e livros

Páginas 8 e 9

Fim de cursos pagos na UFF

Universidade realiza plebiscito pioneiro no país

Por Elis de Aquino e Marcela de Genaro

O ensino público deve ser gratuito. Partindo desse pressuposto, alunos e funcionários da UFF (Universidade Federal Fluminense) definiram em plebiscito oficial que nenhum curso, em qualquer nível, será cobrado na universidade. O ensino pago foi rejeitado por 86,8% das 13.326 pessoas que compareceram às urnas, no pleito realizado em setembro passado.

O resultado foi festejado pela presidente da Associação dos Docentes da UFF (ADUFF), Gelta Terezinha Ramos Xavier. “Essa vitória é importantíssima porque consolida a compreensão constitucional de que a universidade deve ser pública e gratuita em todos os níveis”.

Docentes, técnicos e estudantes trabalharam juntos na construção de uma campanha pela gratuidade total dos cursos. O resultado desse esforço foi pioneiro entre as universidades públicas no país. “Ele coaduna com a luta do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES-SN) contra toda forma de cobrança nas universidades públicas. Em especial no que se refere à atuação

das fundações de direito privado, agentes diretamente beneficiados pela privatização do ensino”, acredita a presidente da ADUFF. O próximo passo da entidade será multiplicar a informação para estimular outras instituições de ensino superior do país a debaterem o assunto e adotarem a mesma medida.

O ensino pago na Universidade Federal Fluminense foi rejeitado por 86,8% dos mais de 13.000 votantes que participaram do pleito realizado em setembro de 2009.

Para o Sindicato Nacional dos Docentes, a decisão foi considerada uma vitória

Na UFRJ os cursos de extensão ministrados pela COPPEAD podem chegar a mais de R\$ 9.000 reais.

Debate

A discussão sobre os cursos pagos na UFF surgiu em 1998, durante a criação da assembléia que elaboraria o novo estatuto da universi-



Cartazes espalhados pela UFF pediam apoio na luta pela gratuidade dos cursos

dade. Nesse momento, ficou definido que pontos divergentes dos textos aprovados deveriam ser levados à decisão da Comunidade Acadêmica através de plebiscito com voto universal.

Após 12 anos, a UFF realizou seu primeiro plebiscito, apesar de enfrentar protestos anteriores. Segundo a ADUFF, em 2009 a oposição fez pressão para que o plebiscito não ocorresse, levando ao Conselho Universitário (CUV) faixas com as mensagens: “Não ao plebiscito: em defesa da democracia”, “A UFF não aceita mais um Muro de Berlim” e “Abaixo o patrulhamento ideológico”.

Na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Ja-

neiro) o conceito aplicado na UFF ainda não foi assimilado. Muitos dos cursos de especialização são pagos.

A COPPEAD (Instituto de Pós - Graduação e Pesquisa em Administração da UFRJ), única instituição brasileira citada no ranking dos cem melhores MBAs do mundo publicado pelo “Financial Times”, oferece o MBA Executivo a partir de R\$ 35,2 mil. O curso de Extensão de Formação em Finanças custa R\$ 9.980,00 à vista ou 10 prestações de R\$ 1.076,45. Está na hora da nossa comunidade acadêmica rever o verdadeiro significado de “ensino público”.

Gestão de Projetos Solidários: a diversidade em debate

Por Renata Melo

Com mais de 60 alunos inscritos, o curso Gestão de Projetos Solidários foi um espaço para a interdisciplinaridade e para a diversidade. A disciplina, oferecida pelo Departamento de Engenharia Industrial (DEI) da Escola Politécnica da UFRJ (POLI-UFRJ) desde 2003, foi pela primeira vez oferecida também como Tópicos Especiais em Engenharia de Produção do CEFET Nova Iguaçu e para o Curso de Engenharia de Produção da UNIRIO, além de ser também um curso de extensão para os demais interessados. Como resultado, pessoas de realidades bastante diferentes se reuniram durante um mês no campus do Fundão, na UFRJ.

Em janeiro, pleno verão carioca, graduan-

dos e profissionais de Engenharia, Jornalismo, Administração, Economia, Psicologia, entre outros cursos, discutiram e refletiram juntos conceitos como Economia Solidária, metodologia participativa, maneiras de gerir projetos solidários, características de empreendimentos autogestionários e qual o papel da universidade na sociedade. Experimentaram na prática algumas das teorias sugeridas no momento de ida a campo para a elaboração de um estudo de caso.

Com uma equipe de 6 professores e alunos de diferentes localidades – da África ao Espírito Santo, da Zona Sul à Baixada Fluminense – a diversidade garantiu a riqueza dos debates e possibilitou no-

vas perspectivas. Fernanda Meirizio Ferreira, aluna de Engenharia Elétrica da Universidade Federal do Espírito Santo, conta que se sentiu motivada a participar do curso por sentir falta de atividades e estudos mais voltados para o desenvolvimento social e para a extensão no curso de engenharia de sua faculdade. “Toda a universidade precisa se relacionar com isso. A engenharia principalmente, por estar envolvida com a produção e, querendo ou não, estar prejudicando a natureza. Precisamos nos envolver com esses fatores, com essas consequências socioambientais”. A estudante diz que o conhecimento de teorias como a pesquisa-ação vai acrescentar muito em sua formação, e

que pretende levar para sua Universidade as ideias adquiridas no curso.

Thairo dos Reis Pandolfi, que abandonou o curso de engenharia elétrica para se dedicar a arquitetura, também da UFES, veio para o Rio

de Janeiro em busca de respostas pessoais, para entender determinados paradigmas: “A questão social é muito explorada hoje, é estigmatizada. No curso de GPS, percebi um cuidado extremo ao tratar dessas questões a fim de não cair nas armadilhas do assistencialismo, de uma falsa generosidade. No curso, notei que é possível trabalhar em projetos solidários com uma perspectiva diferente”.

O curso foi encerrado no dia 3 de fevereiro no Salão Nobre da Decania, ao som das músicas do rapper Emerson Fiell, morador do Santa Marta, e dos depoimentos de pessoas que estiveram diretamente relacionadas ao aprendizado e ao estudo de caso dos alunos. Moradores das favelas da Maré e da Cidade de Deus, locutores e coordenadores da Rádio Santa Marta, pessoas envolvidas com movimentos sociais, caçadores, professores, entre muitos outros. Os alunos expuseram seus trabalhos e os colocaram a questionamento da sociedade, a universidade abriu suas portas para ouvir o que essas pessoas têm a dizer, um exercício da escuta, uma verdadeira celebração da diversidade.



Aula de encerramento do curso, apresentação dos projetos finais e a participação do rapper Emerson Fiell.

Outra forma de gerir um projeto

Como o curso GPS influenciou a Feira Agroecológica da UFRJ

Por Elis de Aquino

"GPS me fez aprender uma nova forma de gerenciamento, diferente daquela que aprendi na Academia". A declaração é de Nádia Pereira de Carvalho, diretora do Restaurante Universitário e aluna do curso de Gestão de Projetos Solidários no verão de 2010. Nádia foi uma das responsáveis pela idealização da Feira Agroecológica da UFRJ, que existe desde abril de 2009, resultado de uma parceria do Restaurante Universitário com o Projeto Capim Limão, a Agência UFRJ de Inovação e o Instituto de Nutrição Josué de Castro, além de cooperativas e associações de agricultores familiares e pequenos agricultores. A Feira ocorre semanalmente às quintas-feiras, em dois locais – entrada do CCS e pilotis da Reitoria, no campus Fundão, UFRJ, e foi objeto de estudo de Nádia durante o curso de GPS. Na entrevista abaixo, ela explica como o curso influenciou na organização da Feira e na sua própria formação.

Êêêetcha: Como você conheceu o SOLTEC e o curso?

Nádia: Comecei a procurar dentro da Universidade por projetos que me dessem uma visão diferente da que eu havia recebido no MBA. Eu sabia que teria que implantar uma outra administração na Feira pois a própria conformação do grupo exigia isso. Foi então que conheci o Soltec no final de 2009 e depois de uma conversa com professor Sidney Lianza fui convidada a fazer o curso no verão de 2010. Tive que buscar alternativas e o Soltec, através do GPS, me deu essa ideia de uma construção participativa, ao contrário da "visão fordista de produção" para a qual eu fui preparada.

Êêêetcha: Então você já entrou no GPS no intuito de estudar e compreender melhor o funcionamento da Feira?

Nádia: Isso mesmo. Percebi que o GPS poderia me dar as ferramentas básicas para trabalhar com essa nova forma de empreendimento, cuja administração tradicional se mostrava pouco operante. Meu grupo ficou responsável por fazer um estudo de caso sobre a Feira Agroecológica e levantar seus principais problemas, necessidades, e discutir possíveis soluções para ela.

Êêêetcha: E qual a influência do curso na Feira Agroecológica?

Nádia: Nossa contribuição para a Feira foi a de promover uma maior participação dos agricultores nas discussões que atingiam a eles próprios. Muitos deles tinham temor de falar, pois acha-

vam que a Universidade estava fazendo um favor ao ceder o espaço para a comercialização dos seus produtos. Com o andamento do curso eles passaram a se perceber como parceiros da Universidade, ficando mais a vontade para expressar suas opiniões sobre a Feira. Após GPS, o grupo da Universidade envolvido na organização e os próprios agricultores sentiram necessidade de criar um regimento interno para a Feira, que está em fase final de elaboração, além de instituírem um Comitê de Ética. Também formalizaram a reunião do grupo, que acontece quinzenalmente, aonde todos os envolvidos podem discutir coletivamente a respeito da Feira.

Êêêetcha: O que você destacaria de mais positivo dentro do curso GPS?

Nádia: Para mim, e acredito que para a maioria dos alunos, a visita à campo foi fundamental, pois nos deu base para ver a realidade in loco. Essa imersão no contexto trouxe a nós uma nova percepção da vida dos agricultores e das

dificuldades que eles enfrentam diariamente.

Além do mais, a visita mostrou necessidades que ainda não haviam sido percebidas por nós pesquisadores. Entrar em contato com os agricultores, como foi o nosso caso, fez com que criássemos laços de amizade e confiança. GPS mostrou na prática tudo que eu havia estudado na teoria.

Êêêetcha: Na sua opinião, qual a contribuição do GPS na sua formação profissional?

Nádia: Posso dizer que esse curso foi muito importante para amadurecimento de todos, e pessoalmente me ensinou a ouvir o outro. O ensino biomédico, no qual fui formada, se sobrepõe às questões das relações, mas em GPS essa era uma das questões fundamentais, e isso vou levar comigo para sempre. Entramos no curso com uma antena portátil, e saímos de lá com uma parabólica de alta captação (risos).



Nádia (de roxo) acompanhada dos agricultores na Feira Agroecológica. (foto: arquivo pessoal).

Cotas na UFRJ

Uma das maiores universidades do país aprova as cotas sociais

Por Renata Melo

2010 foi um ano histórico para a UFRJ. Ano em que a Universidade Federal do Rio de Janeiro completou 90 anos, ano em que adotou as cotas no seu regime de acesso. Hoje, 20% de suas 8 mil vagas são reservadas para estudantes de rede pública estadual e municipal e das escolas da Faetec. As cotas etnoraciais não foram aprovadas, sendo utilizados assim apenas os critérios socioeconômicos. As cotas também não se estendem a escolas que tradicionalmente apresentam ótimo desempenho nos concursos de acesso e, portanto, não necessitariam do benefício, como os Colégios de Aplicação da UFRJ e da UERJ, o Colégio Militar e o Colégio Pedro II. Apesar de contemplar a proposta da reitoria e rejeitar a alternativa de estudantes e funcionários de destinar 35% para as cotas, a medida é considerada um avanço na popularização da UFRJ e uma oportunidade ao debate acerca de questões políticas de acesso à universidade e racismo. Para Marcelo Paixão, representante dos professores adjuntos do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE), que defendeu a reserva de vagas para negros e índios, as decisões da UFRJ já eram esperadas. Para ele, diante do "conservadorismo", 20% de cotas para rede pública já são "um passo". "Não considero uma vitória, mas uma chance de recolocar esse debate futuramente", explica. Segundo a pró-reitora de Extensão da UFRJ, Laura Tavares, negros e índios serão contemplados indiretamente com a reserva criada para escolas públicas. Para além do acesso, é preciso pensar na permanência de alunos oriundos de famílias de baixa renda na universidade. Os gastos são grandes com passagem, alimentação e fotocópias, sem falar que alguns livros chegam a custar mais que um salário mínimo. Atualmente, a UFRJ oferece a alunos com baixa renda familiar uma bolsa auxílio no valor de R\$360, além de bolsa moradia no mesmo valor para alunos que moram longe e têm altos gastos com passagem, no entanto, o conhecido alojamento oferece poucas vagas e possui uma estrutura precária. De acordo com DAE (Divisão de Assistência ao Estudante), os critérios de seleção baseiam-se numa avaliação sócio-econômica dos perfis dos alunos que requerem a bolsa, a partir da análise dos comprovantes de renda e documentação de todos os integrantes da família. Aos alunos ingressantes na UFRJ pela Política de Ações Afirmativas é garantida a bolsa permanência no mesmo valor de R\$360, seria garantida também auxílio passagem e um Laptop, no entanto, segundo a DAE, ainda não há previsão para a implementação da bolsa permanência e os cotistas que entraram em março deste ano ainda não estariam recebendo o benefício. O acesso por meio das cotas, inclusive raciais, já é adotado, dentre outras universidades, na UERJ desde 2003 e na UNB desde 2004. Na UFRJ, uma das universidades de maior prestígio no Brasil, o debate a respeito da cotas já ocorre há algum tempo e divide opiniões. Alguns defendem a questão do mérito e da igualdade para o acesso a faculdade, outros que a mudança deve ocorrer através de medidas paliativas e consideradas de curto prazo, outros acreditam ainda que as cotas são um direito histórico, uma ferramenta para a luta e união do negro em prol de seus direitos, e que conceitos como mérito e igualdade são complexos num sistema como o brasileiro. De um lado ou de outro, é preciso reconhecer que, num país onde há uma enorme desigualdade social e em que quase metade da população é negra, há a necessidade premente de se manter aberto o debate sobre a discriminação racial e a política de acesso à Universidade.

Divirta-se

Visite: <http://miseriahq.blogspot.com> e <http://cancropolis.blogspot.com>



A Notícia por quem vive

Nasce um jornal comunitário na Cidade de Deus

Por Gizele Martins

“As aulas foram especiais, cada qual ia alinhavando as ideias e abrindo os meus olhos para um direcionamento mais crítico e coletivo. O que mais gostei foi da troca emergida destas aulas com as nossas discussões”. É o que diz Valéria Barbosa, de 53 anos, que durante o ano passado, dedicou parte dos seus sábados ao curso de Comunicação Comunitária e Análise Crítica dos Meios de Comunicação, na Cidade de Deus. O curso durou cinco meses, e teve como fruto o mais novo jornal comunitário do local, chamado A Notícia por quem Vive.

Segundo a jornalista Marília Gonçalves, uma das responsáveis pelo curso, as 50 vagas disponibilizadas foram preenchidas no período de inscrições. “O curso começou em maio do ano passado, com término em outubro. Nas primeiras aulas, a sala ficava cheia. No final, formaram-se 15 alunos. São estes que estão hoje dando continuidade ao jornal”, disse a jornalista.

De acordo com a moradora da CDD Rosalina da Silva Jesus de Brito, de 50 anos, o curso lhe fez ter mais conhe-

cimentos culturais, de redação, e também trouxe o olhar de reconhecer que outro mundo é possível. “Foi uma experiência incrível ver suas ideias nas folhas de um jornal. Em um jornal da comunidade que era excluída. É muito bom a gente poder dizer onde está doendo, colocar a boca no trombone. E isso é democracia”, falou a moradora.

O curso, que foi idealizado no Núcleo de Solidariedade Técnica da UFRJ (SOLTEC/UFRJ), teve também apoio do Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC) e do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária da UFRJ (LECC). Os apoiadores ajudaram enviando palestrantes, profissionais da área de comunicação para dar as aulas. “É importante dizer que este trabalho surgiu por termos o projeto do Portal Comunitário da Cidade de Deus há três anos. No final do curso, os alunos do jornal resolveram participar também do Portal, e essa ideia surgiu deles mesmo”, explicou Marília.

A equipe do jornal A Notícia por quem vive busca hoje outros cursos e parceiros para fortalecer a publica-



Morador lendo o jornal "A notícia por quem vive"

ção, para dar continuidade a ela. Já pensando na segunda edição, os mais de nove senhores e senhoras que participam da equipe do jornal visitaram o jornal O Cidadão, na favela da Maré, jornal comunitário que já existe há 11 anos. “Com essas visitas e na busca de aprendizado, já estamos dando continuidade. Tenho buscado meios e me informando sobre como me capacitar mais”, afirmou Rosalina.

A jornalista Marília conclui dizendo o quanto foi importante participar da realização do

curso. “Vimos que eles quiseram continuar o jornal desde o último dia de aula. Agora estão caminhando sozinhos para dar continuidade ao projeto, com autonomia”, finalizou.

A primeira edição do jornal está disponível no Portal Comunitário da Cidade de Deus, no endereço <http://www.cidadededeus.org.br>. Quem quiser saber mais sobre o mais novo jornal da CDD pode enviar um email para: anoticiaporquemvive@googlegroups.com.

Comunicar é uma questão de cidadania

Por Elis de Aquino e Gizele Martins

O militante Nilton Gomes Pereira, de 62 anos, começou a sua luta ainda na época da Ditadura Militar. Morador do Alemão há 44 anos, o mineiro é um dos responsáveis pela fundação do jornal “O Guerreiro”, em circulação há um ano nas 13 comunidades do Conjunto de Favelas do Alemão, local em que concentra aproximadamente 200 mil moradores. “Este é um jornal politizado, mas acho que as pessoas não gostam de ler. Eu quero que ele se torne a voz do morador do Alemão”, disse Diquinho, como é conhecido na comunidade. Leia abaixo a entrevista:

Êêetcha: Como e quando surgiu o Conselho Popular do Morro do Alemão?

Diquinho: O Conselho Popular do Conjunto de Favelas do Alemão nasceu há um ano. É formado por vinte e cinco pessoas e as reuniões são realizadas em todos os últimos sábados do mês aqui na minha laje. A ideia era que formássemos secretarias de direitos humanos, de educação, de saúde, dentre outras necessidades que existem nas favelas. O Objetivo do grupo é formar uma nova organização para debater coletivamente os problemas que atingem a comunidade.

Êêetcha: E o jornal “O Guerreiro”, como e quando foi criado?

Diquinho: Estamos na segunda edição do jornal “O Guerreiro”, que é uma iniciativa do Conselho Popular. São 4 páginas e é gratuito. As pautas são discutidas nas reuniões do conselho e os assuntos são ligados à atualidade: eleições, educação, moradia, saúde, etc. São 5 mil exemplares distribuídos bimestralmente mão à mão nas 13 comunidades. O jornal sobrevive através de doações e contribuição dos editores, além disso, uma parte do jornal é dedicada à publicidade do comércio local.



Êêetcha: Você vê a comunicação comunitária como uma forma de politizar a comunidade?

Diquinho: Sim, mas vejo que os moradores não se interessam tanto pela leitura. Parece que eles sempre dão mais atenção ao que é visual e ao que é em áudio. Quando passa um carro de som chamando todos e todas para algum evento é impressionante quantos aparecem. Mas, pretendemos continuar com o jornal e queremos que ele se torne a voz da favela. Vamos buscar novas alternativas para atingir o público.

Êêetcha: Além do “O Guerreiro” o que mais tem de projeto no Conselho Popular?

Diquinho: No sábado, dia 12 de fevereiro, foi inaugurado o primeiro Pré-vestibular gratuito do nosso Conselho. São

dez professores voluntários que vão ministrar aulas para 40 alunos na laje da minha casa. Em menos de um mês de divulgação já conseguimos lotar a turma e ainda tem gente na lista de espera. Recebi uma ligação de um morador de São João de Meriti que viu o anúncio do ônibus quando passou pela favela e viu nossa faixa.

Êêetcha: Para você qual a importância do Conselho reunir o jornal e agora o pré-vestibular comunitário para os moradores do Alemão?

Diquinho: Porque temos que mobilizar o povo, eles precisam saber que podem e devem se organizar e lutar pelos seus direitos. Mas isso depende de nós militantes, pois o povo está acostumado a esperar que o outro faça por ele. As reuniões do Conselho são abertas para que os moradores participem e saibam o que acontece na comunidade.

No Conjunto de Favelas do Alemão já existem dois jornais populares, além de rádios comunitárias, sendo duas delas evangélicas. Para quem quiser saber mais sobre o Conselho Popular do Alemão, contribuir com o jornal e o pré-vestibular comunitário, é só entrar em contato pelo e-mail e telefone: conselhpopul@hotmai.com e 8725-3680 (Diquinho).

Soltec Indica livros

Um defeito de cor

Ana Maria Gonçalves. Editora Record. 952 páginas. 2009.

Fascinante história de uma africana idosa, cega e à beira da morte, que viaja da África para o Brasil em busca do filho perdido há décadas. Ao longo da travessia, ela vai contando sua vida, marcada por mortes, estupros, violência e escravidão. Inserido em um contexto histórico importante na formação do povo brasileiro e narrado de uma maneira original e pungente, na qual os fatos históricos estão imersos no cotidiano e na vida dos personagens, 'Um defeito de cor', de Ana Maria Gonçalves, é um romance histórico.



Gestão compartilhada de resíduos sólidos no Brasil

Pedro Jacobi. Editora Annablume. 161 páginas. 2006.

Os trabalhos apresentam um panorama atual da problemática do destino dos resíduos sólidos no Brasil, destacando o caso de São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Londrina e um consórcio no Estado de Santa Catarina. E trazem ao leitor experiências inovadoras de gestão compartilhada, um exemplo muito elucidativo das possibilidades de obter resultados relevantes em programas municipais de coleta seletiva em parceria com catadores de materiais recicláveis organizados.

Para Ler Ferdinand Tönnies

Orlando de Miranda. Editora EDUSP. 360 páginas. 1995.

Nesta obra, estão reunidos os textos fundamentais que dizem respeito à nossa vida cotidiana. Especialista da Escola sistêmica, Jean Louis Le Moigne, com sua filosofia personalizada, nos convida a discutir novas propostas e reconsiderar bases conceituais do conhecimento humano a partir do Construtivismo. O construtivismo coloca-se como uma nova alternativa face à complexidade do mundo atual e, sobretudo, face aos problemas epistemológicos gerados pelo desenvolvimento das ciências ditas exatas. Para o construtivismo, a realidade constrói-se a cada instante. É a pretensão de um novo saber e de um novo conhecimento que arranca a um real imanente e ontológico uma parcela de verdade.



Soltec Indica filmes

Cinco Vezes Favela, Agora por Nós Mesmos

Drama. 96'. BRA. 2010. Vários diretores.

Filme já feito em 1961, ganha uma nova cara em 2010, quando jovens cineastas moradores de favelas do Rio de Janeiro põem a mão na massa e contam a própria história no "Cinco Vezes Favela, Agora por Nós Mesmos". Todos os jovens foram treinados e capacitados a partir de oficinas profissionalizantes de audiovisual ministradas por grandes nomes do cinema brasileiro, como Nelson Pereira dos Santos, Ruy Guerra, Walter Lima Jr., Daniel Filho, Walter Salles, Fernando Meirelles, João Moreira Salles e muitos outros. O projeto apresenta cinco filmes de ficção, de cerca de 20 minutos cada um, sobre diferentes aspectos da vida em suas comunidades. Você ainda não viu??? Então corra para assistir!!!



La lengua de las mariposas

Drama. 96'. Espanha. 1999. De Jose Luis Cuerda.

O filme conta a história de um garoto que passa por um período de pequenas e importantes descobertas. Ele tem medo de ir para a escola, porque ficou sabendo que os professores batem nas crianças, e se prepara para o seu primeiro dia de aula. Alertado por alguns meninos, ele acredita que o professor poderá castigá-lo ao menor erro. O menino pensa, inclusive, em fugir para a América, como alternativa a escola. Mas ele acaba encantado pela escola e pelas histórias contadas pelo seu novo professor: passa a acompanhar tudo sobre sua cidade, descobre o amor e se percebe no meio de um emaranhado de relações políticas e sociais, numa época em que a Espanha ferve as vésperas de sua guerra civil.



"Comprar, tirar, comprar" (A obsolescência programada)

Documentário. 53'. Espanha. 2011. De Cosima Dannoritzer.

Este documentário relata o funcionamento da "obsolescência programada", que significa a redução deliberada da vida útil dos produtos para garantir o consumo constante de mercadorias. "Comprar, tirar, comprar" é um belíssimo instrumento pedagógico para o debate acerca da Tecnologia Social: denuncia o papel dos projetistas, engenheiros e outros profissionais para alavancar a cruel indústria capitalista; demonstra que esta produção não condiz com o discurso de eficiência e perfeição do desenvolvimento tecnológico; escancara a não neutralidade da ciência; e nos traz a urgência de se pensar uma outra tecnologia, que tenha como base a melhoria da vida de todos e o uso adequado dos recursos naturais.

Assista na internet: <http://www.youtube.com/watch?v=QosF0b0i2f0>



Expediente



Sidney Lianza

Coordenação Geral do SOLTEC
Engenheiro Civil
Mestre em Engenharia de Produção
pela COPPE UFRJ
Doutor em Engenharia de Produção
pela COPPE UFRJ



Sandra Mayrink Veiga

Coordenação de Comunicação SOLTEC
UFRJ.
Jornalista



Marília Gonçalves

Edição e Revisão
Coordenação de Comunicação
SOLTEC UFRJ.
Jornalista



Diana Helene

Diagramação e Revisão
Pesquisadora do SOLTEC UFRJ
Arquiteta e Urbanista
Mestre em Planejamento Urbano pela
FAU USP



Elis de Aquino

Redação e Diagramação
Bolsista de Comunicação do SOLTEC
UFRJ
Estudante de Jornalismo na Escola de
Comunicação da UFRJ



Gizele Martins

Redação
Bolsista de Comunicação do SOLTEC
UFRJ
Estudante de Jornalismo na Pontifícia
Universidade Católica do Rio de Janeiro



Marcela de Genaro

Redação
Voluntária de Comunicação do
SOLTEC UFRJ
Jornalista



Renata Melo

Redação e Diagramação
Bolsista de Comunicação do SOLTEC
UFRJ
Estudante de Jornalismo na Escola de
Comunicação da UFRJ

Entre em contato com o SOLTEC

No telefone: (21) 2562-7780

No endereço: Avenida Athos da Silveira Ramos, 149, Centro de Tecnologia - UFRJ, Cidade Universitária.
Bloco ABC, sala 112. CEP: 21941-909.

No e-mail: comunicacao_soltec@yahoo.com.br

O Êêêcha é uma publicação trimestral produzida pelos bolsistas, pesquisadores e colaboradores do
Núcleo de Solidariedade Técnica da UFRJ.

Visite nosso Portal na internet e deixe seu comentário.